

15º Congresso de Inovação, Ciência e Tecnologia do IFSP - 2024

PATRÍCIA MELO E CONCEIÇÃO EVARISTO: PERSPECTIVAS DE VIOLÊNCIAS E EXPECTATIVAS SOBRE O CORPO DA MULHER LATINO-AMERICANA NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA DE AUTORIA FEMININA

Jhulya C. SILVA¹, Rodrigo de F. FAQUERI²

¹ Graduanda em Licenciatura em Letras Português, Bolsista CNPq, IFSP, Campus Itaquaquecetuba, jhulya.c@aluno.ifsp.edu.br

² Orientador de Iniciação Científica, professor de graduação de Licenciatura em Letras Português, IFSP, Campus Itaquaquecetuba, rodrigofaqueri@ifsp.edu.br

Área de conhecimento (Tabela CNPq): 8.02.01.00-8 Língua Portuguesa

RESUMO: Esta pesquisa possui como intuito discutir e refletir, de um ponto de vista estético, sobre produções literárias latino-americanas e contemporâneas com temáticas violentas. O estudo se baseia na análise comparativa entre o romance *Mulheres empilhadas* (2019), de Patrícia Melo, e o conto “Quantos filhos Natalina teve?” (2014), de Conceição Evaristo, investigando-se como, porquê, e o que essas produções literárias incorporam em seu estilo e estética ao se falar de violência e quais são as temáticas transversais a ela, relacionadas principalmente às expectativas, opressões e estigmas sociais impostos aos corpos de mulheres e seus papéis construídos historicamente nas sociedades ocidentais contemporâneas. Com a bibliografia estudada, conclui-se que a violência é matéria-prima fundamental para a produção literária de países latino-americanos, podendo apresentar-se como desafio e motor de renovação das artes e literatura a fim de se tentar compreender, lidar e denunciar realidades violentas. Além de que as ficções de autoria feminina das últimas décadas têm reinventado os modos de representar personagens mulheres e seus universos múltiplos e complexos ao conceder-lhes voz e protagonismo no discurso literário, superando as antigas tradições dos cânones brasileiros, principalmente no que tange narrativas violentas.

PALAVRAS-CHAVE: violência; literatura; América Latina; Patrícia Melo; Conceição Evaristo.

PATRÍCIA MELO E CONCEIÇÃO EVARISTO: PERSPECTIVES OF VIOLENCE AND EXPECTATIONS ABOUT THE LATIN AMERICAN WOMAN'S BODY IN CONTEMPORARY LITERATURE BY FEMALE AUTHORS

ABSTRACT: This research aims to discuss and reflect, from an aesthetic point of view, on Latin American and contemporary literary productions with violent themes. The study is based on a comparative analysis between the novel *Pilled Up Women* (2019), by Patrícia Melo, and the short story “How many children did Natalina have?” (2014), by Conceição Evaristo, investigating how, why, and what these literary productions incorporate in their style and aesthetics when talking about violence and what are the transversal themes to it, mainly related to expectations, oppression and social stigmas imposed on women's bodies and their historically constructed roles in contemporary Western societies.

With the bibliography studied, it is concluded that violence is a fundamental raw material for the production of Latin American countries, and can present itself as a challenge and engine for the renewal of arts and literature to try to understand, deal with, and denounce violent realities. In addition, female-authored fiction in recent decades has reinvented the ways of representing female characters and their multiple and complex universes by giving them a voice and protagonism in literary discourse, overcoming the old traditions of Brazilian canons, especially about violent narratives.

KEYWORDS: violence; literature; Latin America; Patrícia Melo; Conceição Evaristo.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa busca refletir sobre a representação, na literatura latino-americana contemporânea, das violências e expectativas sociais sobre o corpo da mulher dentro da perspectiva de ficções de autoria feminina. A importância da temática se dá pela necessidade de compreensão de que a violência pode ser um recurso capaz de motivar transformações estéticas na história da literatura dos países da América Latina, como também o fato de que as realidades violentas podem ser representadas muito além dos paradigmas da criminalidade e marginalidade que permeiam a cultura do continente americano. Partindo dessa perspectiva, a escolha do romance *Mulheres empilhadas* (2019), de Patrícia Melo, e o conto “Quantos filhos Natalina teve?”, de Conceição Evaristo, se dá pela relevância que a escrita de mulheres brasileiras tem para a literatura nacional e internacional, principalmente no que se refere à superação de barreiras históricas relacionadas à produção literária por parte de mulheres e às outras adversidades sociais que igualmente impactam no acesso de quem produz e consome literatura. Como problemáticas discutidas, são abordadas as definições de violência e seu papel estético para a literatura brasileira contemporânea a partir dos estudos de Schollhammer (2013), Michaud (1989) e Zizek (2007); a denúncia das realidades de violência de gênero e feminicídio com apoio do texto de Saffiotti (1999); a construção social e histórica dos papéis de gênero e sua influência na violência contra as mulheres no mundo ocidental ao usar de referência o estudo de Federici (2017); as relações das mulheres com o papel social da maternidade com apoio das teses de Silveira (2022) e Ferrão (2022); e por fim a linguagem e discurso literário enquanto objetos passíveis de investigação e análise do grau de representatividade e legitimidade da voz de diferentes grupos humanos com as análises de Dalcastagnè (2002) e Duarte (2022).

MATERIAL E MÉTODOS

Como materiais para desenvolvimento da pesquisa, estão o uso de livros teóricos de crítica literária, filosofia, sociologia e história, obras de ficção, artigos acadêmicos, entrevistas, e matérias de jornais e de sites acadêmicos. Quanto à metodologia, primeiro foi iniciada com a leitura de textos e participação de eventos acadêmicos para mapear escritores latino-americanos contemporâneos com obras de temática violenta. Em seguida, foram decididos os objetos de estudo e iniciada a pesquisa de referenciais teóricos voltados para as temáticas gerais e específicas identificadas nos objetos. Ao fim da pesquisa e fichamento de todo o repertório para a fundamentação teórica, deu-se início à escrita do artigo e análise do romance e conto escolhidos para o estudo. O método para a construção do artigo consistiu em estabelecer a ordem e relação entre os conteúdos teóricos sobre violência e estética literária, sendo dividida em três partes principais: a primeira introduz, identifica e estuda a violência de um ponto de vista estético, filosófico e histórico-sociológico para compreender quais as abordagens dos escritores latino-americanos, sobretudo brasileiros, sobre a violência em suas narrativas a partir de meados do século XX; a segunda consiste num aprofundamento da discussão da representação e discurso literário a partir de teorias e críticas literárias; e a terceira encontra-se a análise comparativa das obras escolhidas e as conclusões obtidas a partir dela e da fundamentação teórica utilizada nas duas seções anteriores.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quanto aos resultados obtidos a partir da busca de referenciais teóricos, há a compreensão de que a violência possui muitos vieses de observação, estudo, análise e interpretação nas diferentes áreas do conhecimento humano. Tal percepção parte da leitura de autores como Schollhammer (2013), Zizek

(2014) e Michaud (1989), que com a junção de seus textos permitiram a conclusão de que falar da “Violência” não se restringe somente a fenômenos diretos e explosivos, como acontece na criminalidade e nas guerras, cenários bastante presentes no imaginário e senso comum. A violência está em manifestações materiais e imateriais que podem ser condizentes ou não com convenções e normas estipuladas por grupos humanos, e que em determinadas circunstâncias a violência possui valoração positiva e/ou negativa. Sua manifestação imaterial e simbólica está presente até nos fenômenos abstratos de decodificar ou codificar o mundo através da linguagem, sendo a comunicação não necessariamente sinônimo de um espaço ou prática “sem violência”.

Observando o processo de formação e constituição de países latino-americanos como conhece-se atualmente, a violência está sempre presente e é fundamental matéria-prima para se contar a história de nações e de povos através da arte, sobretudo na manifestação literária, superando os meios de registro das violências de cunho estritamente documental. No âmbito literário, então, tratar da violência enquanto temática pode representar tentativas de se compreender, lidar e até denunciar a realidade em que ela se manifesta, mesmo com violência se apresentando como um desafio para artistas e escritores tanto quanto para a realidade concreta das sociedades que procuram gerenciá-la. Além de haver a “representação da violência na literatura”, há também o papel da “representação violenta da literatura”, ou seja, através da violência reinventa-se a estética e estilos literários, a linguagem e seu uso para construir uma narrativa pode estar impregnada de elementos violentos não somente pela temática.

Quanto a análise das obras literárias escolhidas para estudo, principalmente no que tange à renovação literária nacional mencionada, o romance *Mulheres empilhadas* (2019) e o conto “Quantos filhos Natalina teve?” (2014) são obras que demonstram o interesse e comprometimento por parte de suas autoras em abordar vivências de grupos marginalizados em contextos de violência, sobretudo retratando e denunciando sob a perspectiva feminina as opressões e estigmas sofridos pelas mulheres e suas formas de se defender das violências do mundo e dos homens.

Em “Quantos filhos Natalina teve?” (2014), um narrador onisciente privilegia a narração da história pela perspectiva da protagonista Natalina, que tem apenas os seus pensamentos em cada episódio de sua vida contados para o leitor. A trama se confere em contar as experiências negativas da personagem principal com a maternidade, evento que ocorre precocemente em sua vida, e se repete outras três vezes sem planejamento e por fruto de violências e abusos ora velados, ora explícitos. Podendo ser denominada como uma “mãe desviante” (FERRÃO, 2022), ou seja, uma mulher sem o famoso “instinto maternal” e que sente como um estorvo a maternidade, Natalina não teme e rejeita deliberadamente os três primeiros filhos, e sobretudo aqueles que a engravidaram. Ela toma essas decisões no desejo de manter uma vida livre, considerando como uma prisão o vínculo com pessoas através da maternidade. Entretanto, apenas na sua última gestação – concebida através de um estupro cujo agressor é pouco depois morto pelas próprias mãos da protagonista – que então a visão da mulher muda em relação ao evento que se repete em seu ventre: não seria obrigada a constituir uma família, não conhecia a história nem a face daquele que plantou a semente em seu ventre, não devia mais nada a ninguém, logo agora se sentia capaz de amar um filho apenas seu.

O primeiro parágrafo do conto começa no que seria o tempo presente da protagonista, a sua quarta gravidez, já existindo um trecho importante para a compreensão do restante da narrativa:

Era a sua quarta gravidez, e seu primeiro filho. Só seu. De homem algum, de pessoa alguma. Aquele filho ela queria, os outros não. Os outros eram como se tivessem morrido pelo meio do caminho. Foram dados logo após e antes até do nascimento. (EVARISTO, 2014, p. 45)

Este trecho traz uma certa oposição entre ideias, como uma contradição: para aquela mulher, ter várias gravidezes não é sinônimo de ter muitos filhos. Só se torna filho aquele que é desejado pela mãe e, coisa que descobre-se ao fim do conto, só é filho de Natalina se não há nenhum genitor masculino envolvido. Também é interessante perceber que, nesse fragmento, Evaristo entrega de forma sutil o desenrolar do enredo: o filho não é de homem algum pois o genitor masculino não mais existe, nem é de “pessoa alguma”, pois aquela criança não está prometida a outro alguém.

Já o romance *Mulheres empilhadas* (2019) se torna uma inovação na trajetória literária de Patrícia Melo por ser a primeira obra da escritora com protagonismo feminino, e abordando as violências perpetradas contra as mulheres e seus modos de se defender do mundo que torna pesaroso o destino do gênero feminino na sociedade. Narrado em primeira pessoa, assim favorecendo a

identificação do leitor com as emoções e o ponto de vista da narradora e personagem principal, a obra é protagonizada por uma jovem advogada paulistana sem nome nem descrição de aparência física, que aceita um projeto do escritório de advocacia em que trabalha para acompanhar casos de feminicídio numa cidade do Acre, a fim de auxiliar na produção de uma pesquisa sobre violência de gênero e assassinato de mulheres. O pretexto velado para aceitar o trabalho é a necessidade de se afastar a todo custo de seu ex-namorado, também um advogado bem sucedido, após sofrer uma agressão do mesmo. A partir disso, do tapa que a tornou mais uma das várias vítimas de violência de gênero, a jovem precisa lidar com o trauma de sua infância que emerge também por conta de seu trabalho: ter testemunhado a perda de sua mãe em um assassinato orquestrado pelo próprio pai, ao mesmo tempo que é perseguida por seu ex-companheiro e por três famílias ricas de Cruzeiro do Sul envolvidas no estupro e assassinato de uma adolescente indígena chamada Txupira.

A fim de comparar as obras analisadas de um ponto de vista estético e estilístico, os estudos de Dalcastagnè (2002) e Duarte (2022) permitem observar que a linguagem ou discurso literário pode ser objeto passível de investigação e análise do grau de representatividade de grupos humanos, como por exemplo quais desses grupos ou quais setores específicos deles têm acesso à voz da literatura para retratar realidades diversas de maneira legítima. Dessa forma, comparar a visão de mundo na linguagem e escolhas para a construção narrativa de Patrícia Melo e Conceição Evaristo se torna fundamental para se ter dimensão do que, como, porquê e para quem as escritoras, mulheres brasileiras, estão retratando as realidades violentas de sua nação.

Para além das semelhanças e diferenças estéticas na literatura das duas escritoras, é interessante também refletir sobre a interessante associação entre as temáticas de mulheres, violência e maternidade que é abordado tanto no romance quanto no conto. Para observar e estudar essas reflexões com mais detalhes, as teses de Silveira (2022) e Ferrão (2022) foram de grande utilidade para a compreensão de que as relações de pessoas com o papel da maternidade não devem ser romantizadas, além de ser uma temática que tem sido tratada com mais honestidade em produções contemporâneas recentes, principalmente em textos de autoria feminina como o conto e o romance escolhidos para a pesquisa. Complementar a esse olhar crítico para a maternidade e sua representação literária, o estudo de Federici (2019) traz, sob uma perspectiva material e feminista, que a denúncia de violências e opressões sobre o feminino representadas nas obras literárias é o retrato de construções históricas, sociais e políticas documentadas pelas nações ocidentais, sendo os papéis inculcados à maternidade uma construção histórica de controle social das mulheres disfarçado de ideais de feminilidade, amor e matrimônio.

Relacionando os objetos de estudo com essas perspectivas: de um lado tem-se o conto de Conceição Evaristo, que proporciona essa identificação ou não identificação nas leitoras com as situações vividas e sofridas por Natalina, de um ponto de vista de uma mulher que teve repúdio por suas gestações e também soube desenvolver o amor pela maternagem. Como é evidente no trecho abaixo:

Guardou mais do que a coragem da vingança e da defesa. Guardou mais do que a satisfação de ter conseguido retomar a própria vida. Guardou a semente invasora daquele homem. Poucos meses depois, Natalina se descobria grávida.

Estava feliz. O filho estava para arrebentar no mundo a qualquer hora. Estava ansiosa para olhar aquele filho e não ver a marca de ninguém, talvez nem dela. Estava feliz e só consigo mesma. (EVARISTO, 2014, p. 52)

É evidente a subversão realizada pela escritora sobre as vivências esperadas de uma mulher que engravidou, já que aquelas não planejadas porém sem teoricamente serem fruto de uma violência são deliberadamente rejeitadas pela protagonista, enquanto que a transformação ambígua que se dá em sua mente após sofrer um estupro e cometer um assassinato revoluciona o seu olhar para com a maternidade.

Do outro lado, no romance de Patrícia Melo é possível que quem leia também possa se identificar com o papel social de uma filha, como é a condição da protagonista, que teve seu referencial materno retirado muito cedo e de forma brutal e traumática. Todas as mulheres que vieram ao mundo são filhas, e assim como existem numerosas experiências de filhas que se tornam mães, há também as vivências dessas mesmas filhas que perdem, ou sequer tiveram, seu referencial materno por diversos motivos. E tragicamente o feminicídio é uma das razões frequentes, como é denunciado em Mulheres empilhadas (2019):

Para minha avó, a morte de minha mãe era um fato do passado. Mas para mim era diferente, o que eu sou, eu poderia dizer para minha avó, como naquele poema, o que eu sou é ter perdido a minha mãe. O que eu sou é meu pai ter matado minha mãe. A morte da minha mãe era mais que a minha identidade. Era um colete de bombas grudado ao meu corpo. E para acionar o detonador bastava tocar naquele assunto. (MELO, 2019, p. 42)

O trecho acima demarca as consequências destrutivas relegadas à família e ciclo social de uma mulher que tem sua morte como fruto da violência de gênero. Esse tipo de tragédia também transforma e marca toda uma família em vítimas da violência, ficando o evento associado à identidade e história dos parentes. Sobre o relato da protagonista de que parte fundamental e frágil de sua identidade está baseada na morte de sua mãe, é possível compreender esse fenômeno psicológico retratado na obra pelo fato da imagem da figura materna ser “o mais poderoso e universal dos arquétipos; é o primeiro ser feminino com o qual o homem tem contato” (VASCONCELOS, s.d., p.3 *apud* FERRÃO, 2022, p. 57), portanto muito dos moldes dos relacionamentos a ser formados ao longo da vida podem se espelhar no que foi a mãe na vida de um indivíduo. Esse arquétipo também é um reduto de romantização e simbologias místicas que frequentemente são associadas à natureza, conferindo uma gama de aspectos idealizadores da figura da mulher.

A partir dessas comparações, comprehende-se que Conceição Evaristo apresenta em sua narrativa a possibilidade de haver diversas violências envolvendo todo o momento de se gestar uma criança, na relação de quem gera e o feto, e das pessoas ao redor em relação à mulher gestante e seu útero. Já Patrícia Melo mostra a relação de uma mulher com a maternidade no papel de filha, relacionando intimamente os desenvolvimentos afetivos e profissionais com a condição psíquica da protagonista a respeito do evento de perder a mãe em um caso de feminicídio, e o que resta para a personagem enquanto referencial materno e feminino a partir desse evento.

CONCLUSÕES

Como considerações finais a partir dos resultados da pesquisa, obteve-se a compreensão de que a violência é estudada de maneira teórica sob muitos vieses, a depender da área do conhecimento humano e o objetivo de sua observação e análise. De um ponto de vista da história e estética das artes e da literatura, a investigação da temática de violência pode ser observada na tradição literária dos países latino-americanos – como no Brasil com o empenho de escritores e artistas em criar uma identidade nacional ao longo dos séculos – e é identificada como matéria-prima criativa capaz de promover a renovação das linguagens artísticas, além de servir para confrontar realidades muitas vezes permeadas de violência. Enquanto isso, para partes da sociologia e filosofia, a violência é um fenômeno passível de estudo com abrangentes interpretações e reflexões sobre seus efeitos nas relações humanas, e o intuito dessas áreas do conhecimento é observar e analisar as realidades em que a violência está presente sem esgotar ou fixar sua definição e compreensão.

Ao aliar as reflexões da crítica literária com as da filosofia, história e sociologia, tem-se um rico repertório teórico e compreensões expandidas sobre violência que permitem a análise de como duas escritoras brasileiras, a primeira vista com estilos de escrita e narrativa muito distintos, foram capazes de estabelecer semelhanças narrativas e de denúncia de realidades violentas que envolvem a existência de outras mulheres no mundo, justamente através da estética artístico-literária. O romance de Patrícia Melo e o conto de Conceição Evaristo, então, tornam-se elementos fundamentais na pesquisa por justamente ser nas distinções de linguagem, estrutura e estilo que eles estabelecem semelhanças dentro da pluralidade de produções literárias de autoria feminina. E é a pluralidade e sororidade entre mulheres, entre outros lemas capazes de serem identificados nos objetos de análise, que a pesquisa tem intuito de dar destaque. O gesto de denúncia das diversas e distintas violências que envolvem o universo feminino no mundo contemporâneo, sobretudo da mulher latino-americana, realizado pelas escritoras através da literatura nacional é um fenômeno que deve ser divulgado, estudado e denotado a relevância para a cultura e sociedade.

CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES

Rodrigo de Freitas Faqueri contribuiu com a conceitualização, desenvolvimento da metodologia, administração, supervisão e validação de dados do projeto de pesquisa. Jhulya

Cavalcanti Silva contribuiu com a pesquisa, curadoria de dados, análise de dados e redação do manuscrito original.

Os dois autores contribuíram para a revisão e edição da redação de relatórios e do artigo de pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador de pesquisa, Rodrigo de Freitas Faqueri, pela oportunidade de realizar minha primeira iniciação científica, e pela riqueza de conhecimento proporcionada através de um ano de orientação até a conclusão do meu trabalho. Também agradeço ao meu colega de graduação, Pedro Lucas Santos Souza, que através de suas recomendações de literatura me auxiliou a encontrar rapidamente um dos meus objetos de estudo, que se tornou perfeito para o projeto de pesquisa.

REFERÊNCIAS

DALCASTAGNÈ, Regina. **Uma voz ao sol: representação e legitimidade na narrativa brasileira contemporânea.** Estudos de Literatura Brasileira contemporânea, no 20. Brasília, 2002, pp. 37-88. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/8925>

DUARTE, Eduardo de Assis. **Rubem Fonseca e Conceição Evaristo: olhares distintos sobre a violência.** Portal Literafro, UFMG, 24 de fevereiro de 2022. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/29-critica-de-autores-femininos/192-rubem-fonseca-e-conceicao-evaristo-olhares-distintos-sobre-a-violencia-critica>

EVARISTO, Conceição. **Olhos D'água.** Rio de Janeiro: Pallas, Fundação Biblioteca Nacional, 2014.

FERRÃO, Ana Carolina Schmidt. **A putrefação das flores: a maternidade na literatura brasileira contemporânea.** Rio Grande do Sul: PUCRS. 2022. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/10481>

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva.** Trad. Coletivo Sycorax. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

MELO, Patrícia. **Mulheres empilhadas.** São Paulo: Leya, 2019.

MICHAUD, Yves. **A violência.** São Paulo: Editora Ática, 1989.

SILVEIRA, Andresa da. **Representações da maternidade em contos da Literatura Brasileira Contemporânea.** Rio Grande do Sul: PUCRS, 2022. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/10380>

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Cena do crime: violência e realismo no Brasil contemporâneo.** Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2013.

ŽIŽEK, Slavoj. **Violência: seis reflexões laterais.** São Paulo: Boitempo, 2007.